



SEMANARIO
DE
ARTES E
LETRAS

Proprietario—JAYME CORRÊA
Director—J. PEDROSO AMADO
Chefe de redacção—EDUARDO FERNANDES
Editor—ERNESTO ZENOGLIO

ASSIGNATURA

PORTUGAL E ILHAS	
3 mezes	Rs. \$300
6 »	» \$600
12 »	» \$1200
ESTRANGEIRO	
3 mezes	Rs. \$900
6 »	» \$1800
12 »	» \$3600

PREÇO AVULSO
30 RÉIS

—|+|—
Toda a correspondência deve ser dirigida
para a RUA DO MUNDO, 81, 2.ª

LISBOA

Composição e impressão
Offic. da Ilustração Portuguesa
RUA DO SÉCULO, 43

À constancia se deve toda a gloria.

LUIZ DE CAMÕES.



MAURICIO BEMSAUDE

(Actor-cantor e gerente da actual empresa do theatro de S. Carlos)

OFFIC. ILUSTRAÇÃO
PORTUGUEZA

Considerações geraes sobre a arte em Portugal

I

Na vida dos povos, cujo simile não é perfeitamente a dos individuos, ha periodos de esplendor, de abatimento e de rejuvenescimento ou renovação. Por muito que a sociologia haja avançado, o facto é que tendo determinado a existencia d'esses tres periodos, não pôde, todavia, apresentar completo e preciso o conjunto de leis que presidem á evolução dos povos com o caracter de precisão das leis mathematicas nem com o de previsão dos astronomicos. E' que os phenomenos sociaes são por sua indole tão complexos que difficilmente os poderemos apprehender no todo dos seus antecedentes e consequentes. Contudo, a observação prolongada de muitas gerações dá-nos os elementos necessarios para determinarmos a acção de muitos factores na evolução caracteristicamente sinuosa da vida dos povos.

D'esses factores, sem sombras de duvida, um dos mais preciosos indicadores das condições de vitalidade de um povo é a arte, quaesquer que sejam as fórmias e modalidades sob que se nos apresente. Podemos dizer, quasi sem receio de incorreremos em erro, que um povo só é verdadeiramente artista quando se encontra na plena posse de todas as suas forças, na expansão florida da sua mais alta vitalidade, e que, á medida que vae caminhando para uma época de decadencia em que, não raro, se arrisca a perder a autonomia e até, pela absorção em outros elementos estranhos, as qualidades privativas e caracteristicas, adúltera e perverte as suas manifestações estheticas a ponto de perdê-las de vez.

N'estas condições, facilmente se comprehe-ndo o quanto interessa a um povo a existencia de arte propria, a criação e o desenvolvimento de um sentimento artistico capaz de produzir emoções e de originar uma serie de sensações sobremaneira engrandecedoras da cultura moral dos individuos e, como consequencia d'esta, da collectividade. Onde quer que haja um povo capaz de se sentir impressionado pela acção da arte, onde quer que haja um povo capaz de traduzir em fórmias estheticas não só as impressões que a natureza lhe suscita, mas ainda mais as creações meramente espirituales, ha um povo capaz de elaborar novas aspirações, ha um povo capaz de rasgar novos e mais dilatados horisontes sociaes e, portanto, um povo que ha de viver affirmando inilludivelmente a sua personalidade collectiva.

Como se vê, pois, a arte não é, como muitos pretendem, uma gulodice que só a um numero restricto de individuos, tantas e tantas vezes encastellados em suas torres de marfim, é dado gostar; não, a arte tem uma altissima função social e só é verdadeiramente digna d'esse nome quando, ao serviço das idéas emancipadoras e elevadas, vae buscar alentos á sociedade e vae actuar sobre esta procurando aperfeiçoá-la e melhorá-la, arrancando as imperfeições dos seus typos morbidos e imperfeitos, para com a sua força creadora realisar novos moldes, effectivar idéas que o vulgo um dia procurará tornar uma realidade ou que, pelo menos, lhe servirão de meta para a qual deva incessantemente dirigir toda a actividade mental.

De quanto as nossas asserções não são

vagas e imprecisas, pôde facilmente avaliar-se na nossa terra a que muitos, n'um tom de desdem, que a olhos experimentados não occulta a philauciosa ignorancia, attribuem qualidades anti-estheticas. Percorrida rapidamente toda a curva da nossa evolução collectiva, veremos que a arte na sua mais forte expressão e não como nú galho sem significado, acompanhou sempre a nossa marcha nacional, grande e elevada quando nos manifestámos cheios de vida e consciencia, pequena, mesquinha e deprimente, sempre que atravessámos uma época mais ou menos longa de decadencia e aviltamento.

Assim, até o seculo XIV fomos como organismo nacional n'uma escala ascendente; primeiro firmando o nosso direito á independencia, depois começando a sentir a necessidade de alargarmos a nossa actividade. Fomos guiados n'esse periodo por dois sentimentos, o da independencia viril de quem sabe o que quer e o da religiosidade, que, sem graves complicações theologicas, antes ingenuo e simples, então predominava em todos os povos, docemente modificado entre nós por uma quota parte do pantheismo tão nosso, tão caracteristico e accentuadamente portuguez que a acção deleteria de muitos seculos no-lo não pôde apagar nem extirpar. E, assim, as nossas aptidões artisticas manifestam-se na poesia e na architectura. Poeticamente, desenvolvemos um lyrismo que, muito embora fosse buscar a fórmula á Provença, pelo sentimento, pela doce ingenuidade com que canta pantheistamente as frolas do verde pino ou dolorosamente expõe as coitas d'amor per algũa senhor vista em fremoso virgeu, é inilludivelmente nacional e tão rico que ainda hoje nos dá a posse das mais ricas collecções no genero; na architectura enchemos o paiz dos pios monumentos que as crenças do tempo faziam surgir do solo em honra da divindade, imprimindo em todos elles o cunho do sentimento nacional; verdadeiras obras d'arte, porque traduziam a fé, a aspiração collectiva.

Santa Cruz de Coimbra e Alcobaca, com os seus mimos artisticos, preparam bem o caminho para esse verdadeiro poema em pedra que se chama a Batalha, esse sacratio brillantissimo da alma portuguesa que, admirado de estrangeiros, devia, se não tivéssemos atravessado um largo periodo de apathia, fazer estremecer de ineffavel emoção todo o espirito de portuguez. Mas, embora rapida, longa é a marcha a percorrer; e, como a paciencia do leitor não é inexgotavel, em outros numeros da *Vida Artistica* continuaremos.

AGOSTINHO FORTES.

Das Portas do Sol em Santarem

(Inédito)

Chego-me aquélla rústica varanda
ao nascente rasgada
e a vista vái correndo de longada
p'la vastidão infinda.

Quero, na diurna luz, que tudo alinda,
que a minha alma se expanda
e comungue o bendito sol de Deus,
que nos ofertam, pródigo, os Ceus.

E eu comunguei a luz amanhecida
e senti, dentro em mim, viver a vida
de tudo o que avistava:
pedras, aves, ribeiros, floresta brava...
de toda a Creação,
e a minha alma embecendo fundamente,
n'esse horizonte infindo, vasto, ingente,
obra tua, Senhor, hilmilada,
achei-me no Universo um simples Nada,
de umilima poesia um ténue grão.

Santarem, 29-8-911.

JOÃO MARIA FEEREIRA.



A nova empresa do theatro de S. Carlos — O illustra
artista Mauricio Bensaude — Renascimento de
boa musica? — Novidades musicas na «Opera
Comica» de Paris

Teremos aberto este inverno o nosso primeiro theatro lyrico; noticia que deverá ser bem recebida por todas as classes. O nosso theatro lyrico, na nossa capital, representa uma grande fonte de actividade para o commercio, que jaz em uma terrivel crise. Não poderá a empresa ao principio contar com muita concorrencia, pois a mór parte das familias que o frequentam estão fóra, mas com o correr do tempo estamos certos que a nova empresa de S. Carlos, se apresentar bons espectaculos, poderá chamar bastante publico, talvez menos *chic* mas muito *mais amador* de musica.

Da empresa fazem parte D. Luis Calleya e D. Antonio Boceta que ha quatro annos exploram o theatro Real de Madrid de uma fórmula altamente artistica, apresentando ao publico madrileno os melhores artistas da actualidade e um repertorio magnifico. Como seu representante e director artistico da companhia a escolha cahiu sobre o nosso artista Mauricio Bensaude, que todos nós estimamos e que o estrangeiro conhece pelas suas boas qualidades artisticas. Desnecessario é fazer aqui a sua biographia, é bem notoria de todos. Tendo cantado nos melhores theatros de Italia e da America, como em S. Carlos, é um cantor de uma notavel carreira, feita ao lado das melhores celebridades lyricas.

Conhecendo o meio artistico perfeitamente, estamos certos que Mauricio Bensaude dará ao nosso S. Carlos uma nova phase do seu esplendor, e que teremos épocas de primeira ordem. E' claro que o publico não poderá esperar todos os artistas *celebridades*, pois isso nem acontece nos melhores theatros da Europa, mas poderá estar certo que pôde ouvir operas bem cantadas e bem postas em scena.

Teremos um renascimento de boa musica? Decerto que sim; pois segundo nos consta, as operas de Wagner serão cantadas frequentemente, além de concertos populares com a orchestra de Madrid, que passa por ser uma das melhores.

Ao nosso amigo e illustre barytono Mauricio Bensaude enviamos as nossas felicitações.

A *Opera Comica* de Paris já annuncia nos jornaes as *novidades* para a época 1911-1912. Pela quantidade de obras, verá o leitor, como é o meio musical na capital franceza!

Além da *reprise* do *Navio Phantasma*, de Wagner, dará as seguintes peças:

Berenice, em tres actos, musica de Magnard; *La Chute de la Maison Usher*, drama lyrico em 1 acto, musica de Debussy; *Le Diable dans le Beffroi*, canto lyrico em 2 actos, musica de Debussy; *La Leveuse*, drama lyrico em 3 actos, musica de Lazzarri; *Isdrouning*, em 3 actos, musica de Coquard; *Celeste Prudhomme*, drama lyrico, musica de Trépard; *Francesca de Rimini*, em 4 actos, musica de Leoni; *Resurrection*, em 4 actos, musica de Alfano; *La Tisseuse d'Orties*, em 4 actos, musica de Doret; *Les quatre journées*, em 4 actos, musica de Bruneau; *Le Don Roi Dagobert*, em 4 actos, musica de Messager; *Puig-Sin*, em 2 actos, musica de Maréchal; *Le Puits*, em 2 actos, musica de Moïssick; *Benedict-Clauzar*, musica de Menil; *Menauda*, musica de Ratez; *Le mois de Ma-*

rie, musica de Giordano; *La Sonate au clair de Lune*, musica de Benedictus; *Un matin de Floreal*, musica de Rouneau; *La tête à Perruigen*, musica de Lemaire.

Tambem se falla na continuação dos concertos historicos.

ALFREDO PINTO (Sacavem)

N. da R.—A nova empresa do theatro lyrico, por intermedio do seu representante, o nosso amigo e distincto artista Mauricio Bensaude, offereceu uma recita especial com a *Aida*, para o dia do anniversario da Republica, pelo que se obrigava a fazer a sua custa toda a despeza de artistas, côros e material, vindos expressamente de Madrid.

Ao governo, porém, foi impossivel aceitar tão delicada offerta, devido á commissão promotora dos festejos ter já o seu programma elaborado e não ser possivel modificá-lo.

N'uma egreja

Passei por uma egreja e ao entrar meus olhos se fitaram n'um caixão! Alguem perto velava. Em seu chorar, que triste melopéa de oração!

Que pranto tão sentido derramava aquelle desgraçado a quem morrera, aquella cujo amor, vida lhe dava, aquella a quem queria e que perdera!

Ninguem diria ao vel-a tão serena que sobre si cahido a Morte tinha! Que transe angustioso o d'essa scena!

E ao dobre de finados que então vinha, o moço viu partir, immerso em pena, quem o arrancára a vida tão mesquinha.

ARNALDO NUNES.

Joaquim Ramos

E' um adventicio no prosenio portuguez, que constitue uma esperança subsidiaria da ansiada organização de um elenco nacional de *artistas di canto* que em futuro proximo possa interpretar, entre nós, partituras de operetta, opera comica e mesmo de opera lyrica, effeito que só poderá ser derivado d'esta causa—a iniciativa indeclinavel de empresarios, pela instituição de um conservatorio particular, ou o patrocínio obrigatorio do Estado por meio de um Conservatorio Publico, qualquer d'elles racionalmente organizado com escrupulo didactico, no escopo constante de attrahir, manter materialmente, e educar, consoante moderno criterio de theatrologia lyrica, todos os *cantantes* utilizaveis e profissionalisaveis, fructiferisando-lhes todas as faculdades, ao mesmo tempo que equilibrando-lhes congruentemente as tendencias, nas suas modalidades e nas suas expressões especiaes de vocação artistica.

Organizados assim os *elencos* do theatro de canto a fundar em Portugal, Joaquim Ramos será um seu componente de valia, o que nos indicou no tablado do Apollo, onde ha pouco surgiu no advento profissional das suas aptidões de cantor.

Na operetta portugueza *O Fado*, partitura de Philippe Duarte, e entrecho de João Bastos e Bento Faria, que se apresentou n'aquelle theatro, demonstrou-nos Ramos a sua pujança de *fort baryton*, em que se nota uma bravura vocal, uma pastosidade intensa, uma emissão energica e, sobrepondo-se a tudo isto, uma formidolosa massa de som, capaz de poder corresponder virilmente ao dominio dos grandes auges coaes e orchestraes.

Não foi, no emtanto, de surpresa, que então o apreciámos. Tiveramos já perdurada impressão auditiva da sua formidanda quantidade de som. Sabiamol-o aproveitado do contubernio de alguns artistas lyricos, que cultivára, e do conselho exemplificado de diversos impostadores, que adoptára.

E porque já conheciamos o moço artista, constatámos tambem, de novo, a par das

suas bellas faculdades acima expendidas, os seus *senões*: exiguidade de timbre em certas notas brancas, semitonação n'alguns lances, ausencia de plasticidade euphonica e um certo arranco que lhe asperiza as notas agudas—como *cantante*: insufficiencia, inadaptação, esforço muito artificioso nas expressões, na compostura geral—como actor.

Mas... *piano... piano... si va lontano...*

E, se a representar Joaquim Ramos nos pareceu um indissimulavel neophito do palco, a cantar, mesmo exteriorizando as suas deficiencias, que aliás não obliteram as suas qualidades, elle é irrefragadamente, no seu naípe vocal, o primeiro artista actual dos *elencos* portuguezes de operetta e opera comica, onde, de resto, não fica avultando só pela sua potente sonoridade, senão tambem p-la impressão do sentimento de proporção que nos contagia ao compararmos-lhe a voz e o relevo scenico—boa estatura varonil parallelisada ao masculino volume de som, coadunando-se aos fortes e fagueiros *galãs* que inevitavelmente lhe pertencerão na maioria das peças das suas companhias.

E é um lamento o termos de dizer que



Joaquim Ramos

as condições hodiernas do theatro nacional forçam Joaquim Ramos a existir, por tempos no *habitat* execrando, na arlequinagem entredesca da revista do anno (tal como este genero se produz entre nós, bem entendido) em que os clownisados *compères* promiscuam escabrosidades insulas com acrobacias simiescas suscitando as gargalhadas diaphragmaticas do infortunado e alegre publico lizitano.

E é um infortunio o termos de ouvir nessas pecinhas, uma bella voz, como a deste panegyrisado, rabulando a cançoneta bronca e chula, a copla horrisona de estultos dicitérios e morbidas faccias, e a sevandijagem de certos fados, choraminga muzicavel, agoirenta, de mendigos subservientes, ou jeremiada aguardentadamente sentimentalona de ribaldo de betesga.

Mas tambem é um jubilo o pensarmos que, presto, um bravo impulso de educação artistica se ha de incoercivelmente dar no nosso meio e que então as utilidades voaes, como a de Joaquim Ramos, se hão de dignificar, cultivadas, proveitosas e progressivas, só no seu genero musical de theatro.

SANTOS VIEIRA.

RECTIFICAÇÃO

No n.º 24 da *Vida Artistica* dissémos, por engano, que o sextetto que está nas Caldas se chama sextetto *Carlos Ferreira*, quando é: sextetto do *Sarilho Central*, e é dirigido pelo distincto vio'lista Luiz Barbosa, e não pelo illustre pianista Carlos Ferreira.

Aqui fica a rectificação.

Mulheres de Letras

(Continuado do numero anterior)

Assim se arrumassem todas! O genero Stael ainda é o mais inoffensivo; as senhoras carpem as suas angustias de uma fórma puramente passiva, lamurienta mas confortavel, de um dogmatismo ridiculo mas excellente para a modorra. Para insomnias Stael e toda a sua *clique*...

Porém, para *litteratura desafoço de temperamentos soperados* deve ir indignação vehementemente e profundo barafustar—requisitos indispensaveis para se chegar ao fim. Delphina Gay, madame de Girardin—a 10.^a Musa como lhe chamam os encandecidos do tempo—offerece o seu typo curioso!

Começa com pés de lã, atira-se a Millevoye como o gato a bofes, copiando com certa intelligencia, certo feito elegiaco que era tambem muito peculiar ao poeta. Depois, quando domou o marido, o publicista Girardin, e se viu por esse facto, o *homem* com todas as regalías que a elle lhe assistem, Millevoye viu uma bruxa. Aquelle admiravel Millevoye era, decerto, pouco moderno, imbuido ainda de leituras Luiz XV, tinha a originalidade e o feito do seu tempo. Em certa altura começa a ser incopiavel. Resplandece então o periodo esplendidamente picaro de Delphina Gay; rodeada por todos os jovens leões alitterados—que ás vezes se confundem com aquelle bello typo de Fortunio—a 10.^a Musa atravessa o tempo de Carlos X e de Luiz Filippe, deixando pingar da sua penna de pato coisas impossiveis e para as quaes Carlos Nodier e Felix d'Arvers erguiam, sequiosos, as mãos adorabundas. (Esta escriptora era superiormente bella). Então madame de Girardin, segura da sua supremacia, começa a dizer a gente que vê muito bem as coisas, que todos se devem guiar por ella, que fortes intellectualidades só conhece duas. Uma é a de seu marido, a outra ella propria ignora de quem seja; deixa á Providencia o cuidado de a desvendar.

Então, em vista de asserções tão extraordinarias redondamente estampadas em paginas de poemios, a multidão, de passagem, saudá Girardin macho e mergulha com ardor na pesquisa da outra intellectualidade forte. Logo ao entrar nos textos a encontra: é Girardin femea.

Assim arrebatados capciosamente, os leitores ficam sabendo que em materia de bello, de nobre, de generoso teem de ir consultar a cauda das nove musas. E a cauda arranja, então, estas coisas ao seu feito para que ninguem estranhe que use d'ellas como diz... Madame de Girardin gosta muito de ostras e vae jantar fóra: infelizmente a dono de casa não gosta de ostras e não as manda servir á sua mesa. Madame de Girardin soube arguciosamente que não as comerá e isto desgostava... Reflete um momento... toma um papel e em versos (de nove syllabas), declara ao mundo que comer ostras é o melhor de todos os prazeres... E não mente; n'aquelle momento ella julga isso e como é atilada fóra do commum consegue convencer um numero incalculavel de pessoas. As ostras sobem de preço, toda a gente compra ostras e madame de Girardin, decotada, em mesa repleta de crystaes, na luz suave das velas, como ostras com serenidade, busto ligeiramente curvado e dedo minimo no ar... Toda a sua obra é esta; tende para a satisfação completa dos seus appetites—os mais diversos, os mais extranhos... E' um processo como outro qualquer...

Intelligente mas nocivo. Pense no mal que poderia ter feito. Foram estas senhoras assim que cantaram a infidelidade e, ás vezes, exaltaram o vicio simplesmente porque o vicio e a leviandade lhes eram agra-

daveis. Lembrae-vos de madame de Warens que se atira aos braços de Rousseau e depois lhe explica litterariamente que ce-deu a um impulso superior. Ora pois!... — Aquelle pobre Girardin devia ter andado n'uma roda viva — como de resto compete aos esposos das musas... Madame tomava um cachemire e corria os salões a recolher o fructo da sua semente. Quando chega a revolução de 48, madame faz politica incendiaria — dir-me-heis se ha coisa mais he-dionda, — ri da barricada e ri da ordem por-que tem medo d'uma e detesta a outra. Ninguém sabe o que ella quer; nem ella. N'essa occasião talvez lhe appetçam a nomeada e o martyrio de madame Rolland, (seria um bello fim) mas breve muda de idéa. Aquella republica humanitaria não tem cadafalsos officiaes... Então, n'este periodo magnificamente divertido da sua carreira litteraria, madame, d'egostosa, começa a dizer *qu'elle se fiche de tou* e depois de renegar todo o seu romantismo, — o roman-tismo dos seus contemporaneos, — quer en-sinar meninos a lêr!... Lá lhe pareceu que podia descobrir n'isto algum encanto ainda inedito. E' desopilante, valha a verdade, mas não se toma a sério. Credol... N'esta altura Girardin macho anda entontecido; a sua convivencia com a mulher é remota mas realmente para aquelle homem ser tranquillo na face da terra é necessario que na sua superficie não haja senão um Girardin. As orbitas d'aquelles dois astros coincidem; para que se não dê o choque é preciso que um se esfregalhe.

E' tambem por aqui proximo que mada-me recapitula a sua existencia. E, saciada, só encontra prazer em dizer aos outros que foram tolos em lhe tomar os transportes com gravidade. Desvende-se as multidões, faz aquella singular *lady Tartufe*, vae vê-la representar e berra cynicamente que *lady Tartufe* é ella... As multidões começam retirando o talento que lhe tinham orthogardo e em breve madame de Girardin é apenas uma mulher que foi bella na sua mocidade e maluca toda a sua vida...

MARIO D'ALMEIDA.

(Continúa)

Caldas da Rainha

(Notas d'um banhista)

Sinto-me embaraçado ao pegar da penna, pois, francamente, nada tenho que dizer!

O que se passa durante um dia, serve para toda a semana!

Esta semana appareceu a idéa *genial* da banda tocar á noite! O que causa serio transtorno para os animatographos; duas vezes por semana já bastava!

Hontem chegou o sr. conde de Fontalva, que vem aqui passar algumas semanas. Segundo nos consta vem tratar de organisar algumas festas. Fará o milagre? Duvido.

—Os espectaculos dados pela *tournee* Angela Pinto, são esperados aqui com ansiedade, havendo bastante procura de camarotes.

—O distincto maestro Fão, da Banda Republicana, tem agora organizado programmas magnificos. Ainda hontem executou, com grande successo, o *allegro* da 5.^a symphonia de Beethoven, e o *Carnaval Romano*, de Berlioz.

—Esta semana tem chegado muitas familias de Lisboa e norte; as casas estão todas alugadas, a-sim como os hoteis.

—Já começaram as carreiras de automoveis para a linda praia da toz do Arêlhon, onde ha um hotel magnifico.

—Proximamente realisa-se a festa artistica do sextetto do Salão Central, grupo artistico tão estimado aqui. O programma está sendo elaborado com um grande criterio.

ATVS.

"OS DEMOCRATAS"

Mais um grupo de amadores acaba de formar um interessante sextetto musical, intitulado os *Democratas*, e que se destina a abrilhantar todas as festas de beneficencia.

Realizou no sabbado ultimo a sua festa d'inauguração, com um variado re-ertorio, primorosamente executado, destacando-se os numeros de musica classica. Tem rapazes de valor, a quem auguramos largo futuro, sabendo proseguir e estudar.

Quartetto de saxophonistas de Beethoven

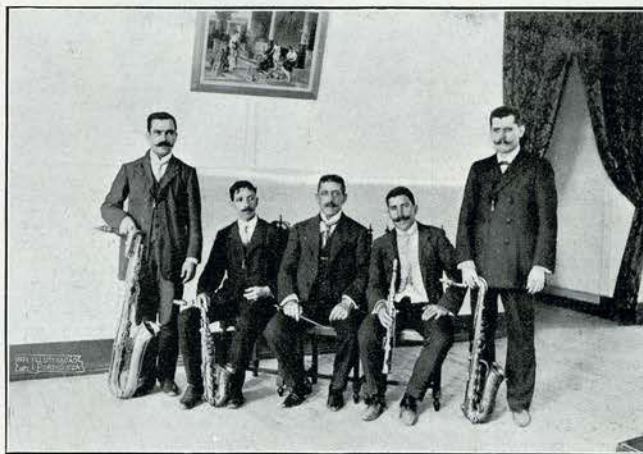
Damos hoje a gravura d'este quartetto, cuja regencia está a cargo do sub-chefe da banda da Armada, o sr. Manuel Lopes Castro Vieira, e que no passado domingo foi inaugurar o club da Amora, o qual realiso no mesmo dia uma corrida de bicyclettas, representada em outra gravura, no momento da partida.

Saibam quantos...

(Continuado do numero antecedente)

Era o corregedor Pontejos, uma especie de intendente Manique, que elegantissou e saneou Madrid com requisitos de benemerencia e energia eguaes aos d'este, mas sem o sobreceño despotico que a historia lhe attribue.

A aristocracia e a elegancia representando-se pelas casas ducaes d'Ossuna, de Liria, de Vistahermosa, de Gor, de Rivas, de Fernan Nunes, d'Alba, de Medinaceli, de Dénia, d'Abrantes, de Frias; pelos marquezados de Miraflores, do Socorro, de Casa Riera, de Santa Cruz e de Pover; pelas casas condaes de Oñate, de S. Bernardo, de Guaquí, d'Altamira, Torre Mus-



QUARTETO DE SAXOPHONISTAS BEETHOVEN
Regente: Manoel Lopes Costa Vieira (contra-mestre da banda da Armada) — Joaquim Antonio Correia, saxophone soprano — Manoel Augusto Lisboa, saxophone contralto — José Bernardo Correia de Sá, saxophone tenor — José d'Almeida, saxophone baritone

quiz, etc., cujos paços dessiminados pela cidade velha, verdadeiros museus d'arte sumptuarias e riquezas, se abriam de inverno para successivas festas e saraus, e cujas mulheres faziam ás tardes, nos desfiles do Prado e da Castelhana, nas *soirées* do Theatro Real, ou nas recepções do Palacio do Oriente, revoadas esplendidas de bellezas que as memorias do tempo deixaram celebradas.

Era o tempo das primeiras empresas de irrigação, navegação e ferro-carris, que acordavam em todos os paizes, na ancia de renovação trazida pelo constitucionalismo, como um reverdecer de novas estações; o tempo dos grandes emprestimos para expedições colonias e guerras politicas, quando argentarios como Caballero, Salamanca, Ceriala, Perez-Sevane, Calderon, Benisa y Lafont, florescia na fina rça hespanhola, como nas cathedraes os *monajillos* encarregues de entreter o oleo das lampadas, para que a fé se não extinga, e os deuses se não vejam abandonados.

Politicos e estadistas como Argueilles, Mendizabal, Martines de la Roza, Calatava, Olozaga, Herros, Narvaez, O' Donell, Espartero, Serrano, Prim

Homens de letras como Lista, Gallego, Breton, Gil y Zarata, Lopez d'Ayala, o poeta Quintana, o poeta Zorrilla, Mariano Larro (*El pobrecito hablador*), Vega e Hartzennbuc, Mezonar Romanos, Pedro d'Alarcon,

Fernandez de los Rios, Cambroneró, Juan Valera. . . Artistas como Ventura d'Aguilera, os esculptores Llaneces e Solá, Marinas (o auctor da estatua de Velasquez), e nos seus doces *recuerdos* de Severilha, os dois Becquer, mortos de fome; Valeriano o pintor, e Gustavo Adolfo, poeta d'estirpe grega, d'essencia olympica, com a delicadeza e a graça d'um Hegecime Moreau, na phantasia lunar d'um Nathaniel Hawthorne ou de um Bret Hart.

Ouvil-a descrever, commentar, caricaturar toda esta gente, desenhando-a em dois riscos, caracterizando-a com duas aneddotas d'escolha, relampejantes sempre, e sempre finas, lançando-a na *melée* social, depois de que esquivava summariamente as essencias directrizes e as paixões tendenciosas, era um d'estes cursos de historia fallada, uma d'estas delicias cerebraes que davam da narradora a impressão mais assombrosa e induziam o ouvinte a ficar ali a escutal-a eternamente.

Ha quatro ou cinco annos que sob pretexto de notas para uns artigos sobre azule-

jaria artistica con-segui da residente illustre da Mitra licença para percorrer rapidamente a escada e alguns salões. De combinação, ali me esperava um amigo da dona da casa, e meu, o qual, fingindo surpresa no encontro, me apresentaria á Egéria, ao tempo sósinha em palacio, pois sua filha estava em Badajoz. Das riquezas patrimoniaes da Coronado, e das accumuladas pelo marido durante as varias empresas commerciaes e industriaes em que fallei, grande parte devia ter cahido em sorvedouro, pois tudo na residencia denotava, senão estreiteza de meios, pelo menos um estado de finanças bordejando de perto a derrocada.

Em 1891 a casa e quinta da Mitra tinham já sido vendidas por 54 contos a certo advogado artista de Lisboa, cujas consultas então se pezaram a oiro, e que a Coronado trouxera ao seu serviço em não sei que trapalhadas juridicas, demandas, pleitos, que lhe levariam parte dos caudales. A escriptura de venda estabelecia a clausula de rezidir na Mitra a vendedora, até final de vida, e certamente o preço da propriedade fóra para liquidar os honorarios do causidico, e provavelmente cobrir compromissos ou dividas que tirariam o sommo á escriptora. Ella não podia fugir á lei fatal que põe os cerebraes do ramo artista na contingencia de ignorarem, pela mór parte, o valor do dinheiro, e a arte judenga de o fazer fructificar em especulações e trafegos rendosos.

A morte de Perry, pondo ponto na tutela sensata e escrupulosa gerencia dos fundos do casal, não teria precavido a viuva, par e passo, contra os futuros perigos de gastar sem contar, mórmente ficando as contas entregues ao zelo incerto e enganosa honradez de administradores e feitos, que são bons ou maus conforme a fiscalisação a que se sujeitam.

Está-se a vêr o mecanismo porque, morto o marido, a Coronado transita da fartura comoda para a escissez molesta e tragica.

E' sempre o mesmo, n'estes navios onde o piloto falta, e onde a tripulação perde o respeito. Corro, pois, uma gaze sobre este lance da historia, que de resto só entristecerá o leitor contra as injustiças da vida, e passo a dizer que a minha apresentação foi captivante, e a illustre escriptora, em quatro palavras d'aquella cordialidade hespanhola, que em cortezia familiar nenhuma eguala, pôz a minha alma rendida deante do gesto infinitamente nobre da sua mão de abadesa e imperatriz viuva, que pude, ahim, beijar mui reverente.

Com um vestido de velludo preto, de canoa branca de neve, os immensos olhos de velludo molhado, que o fulgor do genio rejuvenescia no leve engelho das póchas orbitarias, Carolina Coronado aos 82 annos era uma mulher alta e direita, de talhe esbelto, por ter ficado magra e com dois bandós nas fontes, frizados e nevados, como esses que os retratos dão á rainha Isabel II nos seus ultimos annos de Paris.

Fallava um hespanhol claro e castiço, florido de modismos que pela graça rebuscada tinham um oloroso sabor de lingua velha; hespanhol de provincia classica e de convento, que seria o fallado entre a gente bem educada de ha meio seculo.

A's minhas palavras de saudação, ella, certo para atalhar o discurso e evitar, talvez, que eu me estendesse, perguntou-me se era de Lisboa; e, conhecida a minha origem trasta-gana e a terra de charneca onde eu nascera, acrescentou que então eram quasi visinhos, pois Vi la de Frades distaria, talvez, uma duzia de leguas de Almendralejo e La Serena, a patria da sua familia, em cujas parochias tinham banco fechado os Romanos Tejadas e os Coronados Cortez de aquellas terras. Envaidecia-a, de resto, a sua origem estremehna sem mistura. Ha dois sitios de Hespanha que imprimem caracter proprio aos naturaes: Estremadura e Aragão. D'ali teem sahido artistas, guerreiros e politicos de excepcional f agor e intensidade.

—Se eu tinha viajado em Hespanha?

Todo o hespanhol é sedentario e bairrista, porém, o portuguez quasi que o excede... De resto, para um portuguez viajar em Hespanha, é percorrer um pouco a sua terra. Hespanhoes, rezumi eu, somos todos nós, os peninsulares.

E de repente, voltando-se para mim: — Se eu era iberico?

Cuido ter feito um gesto que, imperceptivel embora, contudo a minha interpellante colheu, *al primer vuelo*, medindo n'elle a patriotice chocada em leituras da *Filippa de Vilhena* a outros canastroes theatraes archi-saudeus.

—No se moleste usted. No es mas que hablar, contraveiu logo com o mais gracioso gesto de acalmia. E foi dizendo:

—Tinha sido o erro de Filippe II (tão grande politico, não transferir logo para Lisboa a capital do reino unido. Se assim tem feito, Portugal e Hespanha estariam hoje abraçados n'uma nacionalidade unica e pujante, o que evitaria a ambos a decadencia funesta que durante vem até ao presente. De mais que, segundo as datas da historia fidedigna, a perda da independencia não foi tão dolorosa a Portugal como se diz nos manuaes para as escolas. Em

toda a parte os povos mechem-se, principalmente por interesses, e os primeiros passos da dominação hespanhola em Lisboa foram até sympathicos á população, sobre quem Filippe II exerceu uma atracção benevolenta e singular.

Um erro deploravel! Os nossos dois paizes reunidos ficariam na carta com uma massa de territorio maior que a França, e as suas colonias somadas dariam um dominio colonial superior ao da Inglaterra.

Tinhamos tomado assento na ultima de tres salas que formam a parada de recepção da residencia, e que com quatro janelas de varanda sobre a rua, e duas janelas-portas ao terraço, tinham luz deslumbrante, em grande resteas de sol primavera.

Tudo no mobiliario velho e desbotados tons das braçadeiras, cortinas e alcantifas, chorava a tristeza pudica das coisas de luxo que a penuria assedia, e teem de morrer em serviço, como os cavallos velhos nas carroças. Cadeiras modernas de Vienna alternavam com esplendidas poltronas e sophás, cuja seda o sol e o roçar das cabeças fanára e mesmo tinha esgarçado em certos pontos. Nas *carpettes* de preço, guzano e pés tinham já consumido a lâ das



Corrida de bicyclettes na Amora: A partida dos cyclistas

flores e dos desenhos, apparecendo a trama em série de cordas varicosas.

(Continúa) FIALHO D'ALMEIDA

Madeiras perigosas aos operarios

Ha muitas madeiras cuja manufactura é altamente nociva aos operarios.

A que se deve o mal? A alcaloides e a acidos organicos (acido oxalico), contidos n'essas madeiras.

Os operarios sentem um mal-estar geral, dores de cabeça, nauseas, dispnea, fraqueza cardica.

Gizam-se, como especialmente perigosas, as madeiras do *Taxus baccata*, do *Juniperus Sabina*, do *Cytisus Laburnum*, etc. O buxo provoca especialmente os incommodos referidos. O mais perigoso é o africano. São nocivos muitos pinheiros de diversas origens, occasionando, principalmente, doenças do nariz e da larynge.

Certas madeiras, da India Oriental e de Rodes, occasionam violentas dores de cabeça e dispnea. O sandalo branco e amarello, é altamente nocivo. O *cocobolo* produz graves irritações nas fossas nasaes e doenças de pelle.

Perigosos são os ébanos, principalmente as especies Maba e a moscadeira.

Quantos operarios não deverão á ruina da saude á ignorancia de conhecimentos uteis, como estes.

Leonardo de Vinci

No proximo numero publicaremos um artigo intitulado *A litteratura e Leonardo de Vinci*.

PORTO

E' nosso agente de venda e correspondente n'esta cidade, o sr. Eduardo dos Santos.



O Club Naval effectua á Azambuja um bello passeio—A União Velocipedica Portugueza promove uma prova cyclista de 100 kilometros

De uma desusada alegria e verdadeira confraternização sportiva foi o passeio que á villa de Azambuja realiso o Club Naval de Lisboa, uma das nossas melhores aggremações sportivas que da nautica tem feito u culto verdadeiramente digno d'este povo de cuja patria o futuro está no mar, segundo uma antiga legenda.

O vapor «Lusitano» especialmente alugado pelo club a Parceria dos Vapores Lisbonenses, conduziu as familias dos socios e muitos d'estes, levando a reboque a magnifica canoa «Manuela», propriedade do sr. Manuel Iniguez, tendo-se-lhe juntado pelo caminho a canoa «Emilia» do sr. Ferreira dos Santos, director do club. Este senhor foi alvo d'uma delirante manifestação que agradeceu, tendo n'esta occasião a philarmónica Coцентраção Musical, que seguia a bordo, executado a «Portugueza».

A' chegada a Azambuja os excursionistas foram alvo d'uma estrondosa manifestação por parte do povo d'aquella villa, lançando-se ao ar numerosos foguetes e levantando-se vivas aos directores do club e demais socios.

Muitos barcos singravam em diferentes direcções, o que dava um aspecto festivo e immensamente gracioso á villa.

Ao lado norte encostou o «Lusitano» desembarcando os passageiros, tendo os directores do club srs. Fernando Correia e Joaquim Leotte preparado as corridas, ao mesmo tempo que ao som de variados trechos executados pela philarmónica «Azambujense» se organisavam danças e descantes populares que muito apreciados foram pela assistencia lisboeta a quem o sympathico povo d'aquella villa fez o melhor acolhimento.

Uma commissão de socios com mira de ajudar a direcção do club, organisou o programma das provas de atletismo que começaram pela corrida de natação em 100 metros. O jury era formado pelos srs. Bernardino Ferreira dos Santos, João Rhodes e respectivas esposas.

A corrida foi ganha pelo sr. Cesar de Almeida, com seis metros de avanço sobre O. Duarte.

Seguiram-se as corridas de remos. Na primeira em «pic-nic», ganhou o barco timonado pelo sr. Eugenio de Noronha e tripulado pelos srs. Carlos Andrade e Cancio Peres.

Na segunda, ganhou o «pic-nic» o barco timonado pelo sr. Eloy Soares Franco, que levava como «immediato» o menino Henrique Pontes, e tripulado pelo sr. Arthur Rodrigues e Thomaz de Aquino.

O «gymkhana» athletico que decorreu muito animado, foi uma das melhores provas d'esta festa e devia ter deixado absolutamente satisfeitos os seus organisadores.

O programma constou de: Corridas de saccos: 1.º premio, Paulo E. Canuto; 2.º, Eugenio Noronha.

Corridas de charutos: 1.º, Paulo E. Canuto e D. Aurora C. Santos.

Corrida de velocidade, 100 metros: 1.º premio, Pedro Moura; 2.º, Eugenio Noronha.

Lucta de tracção: madame Rhodes, mesdemoiselles Marie d'Argent, Eleonora d'Argent e Ilca Telles e Henrique Telles.

Concluidas as provas sportivas o embarque fez-se com a maior ordem e rapidez, largando o *Lusitano* ao som da *Portugueza* e de calorosos vivas ao club, Patria e povo d'Azambuja, decorrendo a volta com a maior animação e realisando-se a bordo uma sessão solemne para distribuição de premios aos vencedores das provas, presidindo o sr. dr. José Pontes, secretariado por Joaquim Leotte e João Rhodes.

Ao receberem os premios conferidos todos os concorrentes receberam da assistencia ruidosas manifestações de applauso, ao fim do que discursou o sr. dr. José Pontes no sentido de confraternisar todos os el mentos sportivos em prol da sua causa.

* * *

Bem merece o cyclismo que algum cuide de o desenvolver entre nós, levantando-o d'esse estado de abatimento que ha tempos a esta parte, o tem prostrado; assim a União Velocipedica Portugueza tomou a seu cargo esta espinhosa missão já se fallando das corridas de estrada Porto-Lisboa e outras grandiosas provas.

Até mesmo os nossos commerciantes do ramo já vem vendo que são necessarias as corridas, um dos melhores meios para desenvolver o gosto por este util sport, e assim o sr. J. Castello Branco aca-

ba de oferecer a «Taça Portugal» que foi disputada n'uma prova de 100 kilometros por *équipes* de 3 corredores que obtiveram a classificação seguinte:

Larangeira Guerra, em 4 horas e 6 minutos, seguido de Alberto d'Albuquerque em 4 horas e 14 minutos; Joaquim Delgado, em 4 horas e 27 minutos; Joaquim Maia, em 4 horas e 0 minutos; Raul Macedo, 4 horas e 33 minutos e 30 segundos; Santos Junior, 4 horas, 59 minutos e 55 segundos e Carlos Barros, 5 horas.

Ganhou pois a «Taça Portugal» o Sport Club Progresso, com 12 pontos, seguido do Lusitano Grupo Cyclista, em 14 pontos e do Sport Lisboa e Benfica com 22 pontos.

A U. V. P. a quem cabe as honras da organização da prova, é digna dos mais rasgados elogios pela forma como o fez, e que não desanime na senda encetada para desenvolver o ciclismo são os votos sinceros de

ROMOLO.

NOTA—Quando esta secção já se encontrava paginada chegou ao conhecimento do redactor respectivo o que sobre o nosso artigo «Antonio Pereira» diziam as «Notas de Sport» do nosso collega da imprensa diaria *A Capital*. No proximo numero responderemos.

CARTAS TRIFEIRAS

Porto, 12 de setembro de 1911.

No Circo de Variedade subi no sabbado passado á scena uma revista em 2 actos e 6 quadros, original de Augusto Vêras, com musica de Alfio, cuja pseudo-revista é intitulada *Chucha!*

O nome não devia ser *Chucha!*, mas sim *Chucha... deira*, porque desde o auctor ao empresario estão todos chuchando com o publico.

Augusto Vêras, que n'um semanario theatral que se publica n'esta cidade, tem mostrado ser um critico que desdenha de todas as produções theatraes, que tem subido á scena no palco portuense, devia ser mais consciencioso na sua obra, porque *Chucha!*, é uma peça, (se assim se lhe puder chamar), que nem apreciação merece.

No entanto diremos o que pensamos.

O original do sr. Vêras, não tem graça nenhuma, possuindo ditos pornographicos que nunca ouvi em revista alguma. O scenario de Del-Barco é pauperrimo e mal pintado. O desempenho é igual ao de um grupo de amadores de infima especie. Dos artistas poucos conheço, tendo a maior parte d'elles vindo de paragens incognitas. Entre estes

apparece uma tal Maria Alice, que possui alguma vocação para o theatro. A encenação pessima, o guarda-roupa regular, os côros desafiados, a musica enfadonha, emfim, uma verdade.a chuchadeira!

O melhor é não continuarmos, senão julgarão que somos maliciosos.

EDUARDO DOS SANTOS.

Caldas da Rainha

E' nosso agente n'esta cidade o sr. José da Silva Dias, em cujo estabelecimento se encontra á venda a *Vida Artistica*.

Tres sarcophagos da familia de la Fayette

No dia 24 de maio ultimo, um pouco mais longe da rua Charonne, fizeram-se achados archeologicos assaz interessantes.

Acabava-se de demolir no n.º 102 uma velha casa, sem fundação, elevada nos terrenos outr'ora occupados pelo convento das *Dames de la Madeleine de Tresnel*, onde ta frequentemente, diz-se, Cyrano de Bergerac, o heroe cantado por Edmond Rostand.

Removendo o solo a um metro seguramente de profundidade, os trabalhadores puzeram a descoberto um lagado bastante longo, que dava accesso a uma especie de crypta bem conservada.

Perceberam então tres sarcophagos de metal, muito pesados: dois em perfeito estado. O terceiro, em parte deformado, deixava ver os assentamentos que continha.

O primeiro d'estes sarcophagos, de forma anthropomorpha, tinha bem legivel, n'uma placa de cobre, a inscripção seguinte:

«*Aquí repousa o corpo do alto e poderoso senhor Rene-Armand de la Fayette, cavalheiro senhor conde do dito logar, brigadeiro dos exercitos do rei, morto em Landun (Alemanha) a 5 de agosto de 1691, com a idade de 31 annos.*»

No segundo, da mesma forma que no primeiro, lia-se:

«*Aquí está o corpo da alta e poderosa senhora Jeanne-Madeleine de Merillac, viuva do alto e muito poderoso senhor de la Fayette, etc... morta a 14 de setembro de 1712, com 42 annos.*»

Emfim, o terceiro, de forma ordinaria, continha, a julgar pela inscripção, os restos de um outro membro da celebre familia de la Fayette:

«*Aquí repousa o corpo da muito alta e muito poderosa princeza madame Marie Madeleine de la Fayette, esposa do muito alto e muito poderoso principe monseigneur Charles de Bretagne, duque de Thouars de Tremoille, barão de Vitre conde de Laval, marquez d'Epinau, conde d'Equenne, principe de l'arenle, par de Fran'a, primeiro gentilhomem de camara real, brigadeiro do exercito, morto a 6 de julho de 1617, com vinte e oito annos e oito mezes.*»

Como se sabe, está-se na presença dos restos dos membros da familia de la Fayette, enterrados no antigo convento das Damas da Magdalena.

Durante a revolução este convento foi occupado pelos *ateliers* de Richard Lemoir. Mais tarde, a familia Ledru-Rolin comprou o immovel, do qual se acaba de demolir as ultimas paredes.

Jean.

Correspondentes

Precisam-se e aceitam-se para esta revista nas diferentes terras do paiz.

A "VIDA ARTISTICA"

Encontra-se á venda em todos os kiosques e tabacarias.

ESPECTACULOS

THEATRO DA TRINDADE — 8 1/4 — Ventas de Patrulha, (revista).

THEATRO APOLLO — 8 3/4 — Os 7 castellos do diabo.

COLISEU DOS RECREIOS — 8 3/4 — Companhia italiana de opera comica e operetta.

THEATRO DAS VARIADADES — 8 1/2 e 10 1/2 — Fogo a palavra (revista).

THEATRO ROCIO PALACE — 8 1/2 e 10 1/2 — Espectaculo variado.

THEATRO PHANTASTICO — 8 1/4 e 10 1/4 — O Philtro do diabo.

THEATRO INFANTIL DO ROCIO — 8 e 10 — Novos artistas e novos quadros de sensação.

CHALET JULIA MENDES, (feira de agosto) — 8 1/2 e 10 1/2 — Saude e Bichas (revista).

CHALET AVENIDA, (feira de agosto) — 8 1/2 e 10 1/2 — A sombra do Herodes (revista).

CHIADO TERRASSE — Rua Antonio Maria Cardoso.

SALÃO CENTRAL (Palacio Foz) — Avenida da Liberdade.

OLIMPIA — Salão de concertos, etc., rua dos Condes.

SALÃO DA TRINDADE — Rua Nova da Trindade.

GRANDE SALÃO DOS ANJOS — Travessa do Bortalho.

CHANTECLER CHALET — Feira de agosto.

CHALET REPUBLICA — Feira de agosto.

CIRCO RUSSO, (feira de agosto) — Animaes ferozes amestrados.

JARDIM ZOOLOGICO — Exposição permanente de aves e animaes ferozes.

TELEPHONE 1.436

J. VILANOVA & C.

Telegrammas:

LOWSKY Lisboa
Porto

SÉDE: Rua Boa Vista, 160, 162 e 164

LISBOA

FILIAL: Rua do Almada, 113, 1.º

PORTO

OLEOS MINERAES

Especiaes para lubrificação de automoveis

GANHAM AS CORRIDAS DE RAMPA, A SABER:

O Ill.º Sr. Estevão de Oliveira Fernandes em carro Brasier lubrificado com o nosso **Oleo Automobiliol A**, ganha a taça dos Sports illustrados.

O Ill.º Sr. Angel Beauvalet, em carro Berliet lubrificado com o nosso **Oleo Extra-Automobil Cylinder**, é o segundo classificado.

Carnes conservadas pelo frio

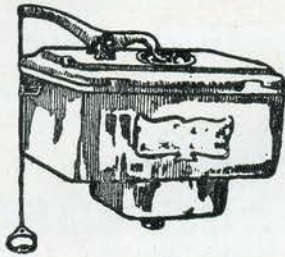
Pelo systema adoptado em Inglaterra

À VENDA no Mercado 24 de Julho, logar n.º 1 — no Largo de S. Domingos
no Largo de Alcantara — no Largo de Santa Barbara

Aos domicilios—Pedidos telephone n.º 1295

GRANDES ARMAZENS FRIGORIFICOS

HENRIQUE PATRONE R. de S. Paulo, 109
LISBOA



Autoclismos

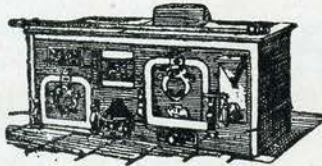
INGLEZES
 O melhor systema
 Louças sanitarias
 ESQUENTADORES

Montagem de luz electrica
 Serralheria civil

Fogões de cozinha e sala

TORNEIRO DE METAES

Variado sortimento de candieiros, bicos, chaminés e mangas para incandescencia a gaz, petroleo e gazolina.



CANALISAÇÕES PARA AGUA, GAZ E ACETYLENE

≡ Automoveis ≡
recomendados

PARA ALUGAR NA PRAÇA

ROCIO

Automovel n.º 875 — chauffeur — Accacio de Paiva
 * 787 — * — João Carujo
 * 987 — * — Antonio Paes

— Serviço por taximetro em Lisboa —

— Serviço de theatro e baile —

TELEPHONES — 2702 e 2698

— LISBOA —

“MERCEDÉS”

MACHINAS DE ESCREVER

A mais perfeita e resistente

RUA AUGUSTA, 7a — LISBOA

ACCESORIOS

Reparações em todas as marcas de machinas

Copias á machina — Traducções

Enslao de Dactylographia

VENDAS DE MACHINAS

TELEPHONE N.º 3066 — Agencia no Porto

OFFICINA DE FUNDIÇÃO DE METAES

TORNEIRO E GALVANISMO
 FUNDADA EM 12.6.1901

Manufatura de todas as ferragens (em metal) para automoveis, nikelagem, etalages e varões para montras, ferragens para urnas e moveis antigos, etc., etc.

Canalisações e appparelhos para Gaz e Agua

Installações electricas

Dourar
 pratear, nikelar e bronzear

ANTONIO TELLES

R. SARAIVA DE CARVALHO, 89 A 93

Empreza Nacional de Navegação



Sae no dia 7 o

Paquete BEIRA

para Africa Occidental.

Não recebe carga para portos por onde não faça escala.

Para carga, passagens e outros esclarecimentos, trata-se:—NO PORTO: com os agentes H. Hurmester & C.; rua do Infante D. Henrique — EM LISBOA: Escriptorios da Empreza, 88, rua do Commercio.

F. Street & C.º L.º

ENGENHEIROS

Machinas  Rua Poço dos Negros

Telephone: N.º 646

LISBOA

Caldas da Rainha

Grande Hotel Lisbonense

Pelo seu colossal tamanho tem sempre quartos vagos.

Preços desde 1\$200 á 2\$500 réis

Figueira da Foz

Grande Hotel Lisbonense

O mais importante e bem situado, serviço de meza e cozinha de primeira ordem.

Preços desde 1\$200 á 2\$000 réis

LUZ ELECTRICA

J. A. LEITÃO

129, Rua do Salitre, 131, LISBOA — Telephone 2623

Construcções e installações electricas, força motriz, appparelhagem electrica e seus accessorios, motores-dinamos para corrente continua ou alternada, lampadas de incandescencia de todas as qualidades, lampadas de filamento metalico, arcs voltaicos, resistencias, acumuladores e appparelhos de precisão, ventoinhas e appparelhos para aquecimento, telephones, campainhas, pára-raios, etc.

REPAÇÃO DE TODO O SYSTEMA DE GERATRIZES OU ELECTRICO-MOTORES
ORÇAMENTOS GRATIS

Rapida execução em todos os trabalhos — Modicidade em preços

OFFICINAS E DEPOSITO — Rua do Salitre, 129

Garage

Estephania

107-109, R. José Estevam, III-III3

LISBOA

Automoveis de aluguer da reputada marca FIAT. Taximetros, luxuosos e com chauffeurs fardados

Telephone 2698

Alfredo Eduardo Gonçalves

OFFICINA

— DE —

CARPINTERIA

Encarrega-se de edificações ou reedificações e qualquer especie de trabalhos concernentes á sua arte

7, Rua da Condessa, 9

(AO CARMO) LISBOA

ENCADERNADOR-DOURADOR

Papelaria, Typographia e Artigos Religiosos

220, Rua Augusta, 222

Telephone 2089

Maulino Jferreira

Succursal das

Officinas

de encadernação

movidias a vapor

92, R. N. da Trindade, 92

TELEPHONE 1495

Vinhos e Azeites

JOÃO LUIZ AFFONSO

Travessa da Trindade, 22-24

Vinho Verde de 1.ª qualidade
 Azeite de Castello Branco muito fino
 Vinhos finos e licores

Vestidos de senhoras e crianças

LAVA, LIMPA E TINGE

TINTURARIA CAMBOURNAC

10, Largo da Annuciada, 10

Rua de S. Bento, 175-A

LISBOA Telephone 562

PEREIRA

FABRICANTE DE MOLDURAS E DOURADOS EM TODO O GENERO

Encarrega-se de molduras para bordados, consolos, mobilias, espelhos e dourados em casa, etc.

273, RUA DA ROSA, 275
Proximo á rua D. Pedro V

ANTIGUIDADES

Compram-se por bons preços Louças, crystaes, moveis, joias, broztes e tudo antigo que revele arte e belleza.

Rua da Escola Polytechnica, 97
(Defro. to das escadas da Escola)

M. CARVALHO

MAFRA

HOTEL MOREIRA

No largo, em frente do convento

Bellas accomodações desde 1\$000 réis por dia até 1\$500 réis.
Redução de preços para caixeiros viajantes.

Proprietario — JOAQUIM PEDRO MOREIRA

ABRANTES

Hotel Central

Proprietario — MANUEL MONTES CARREIRO

Situado no centro do commercio. Illuminado a acetilene. Campanhas electricas em todos os quartos.

Magnificas condições d'asseio, conforto e bom tratamento

Braga - BOM JESUS

GRANDE HOTEL Grande Hotel do Elevador e Grande Hotel do Lago

Campo de Sant'Anna, 27 a 37

Proprietarios: GOMES & MATOS, Successores de Manuel Joaquim Gomes

Hotels de primeira ordem. Serviço esmerado. Quartos espaçosos e bem mobilados, de onde se gozam esplendidos panoramas. Banhos completos. Luz electrica. Salões de baile e de vistas. Planos e orçao. Telephone e caixa do correio.

Preços, compreendendo quarto, comida, vinho, serviço e luz, desde 1\$500 até 2\$200 réis por dia

PRODUCTOS ALIMENTARES

para diabeticos, despepticos e neurasthenicos de Sana. Caixas de phantazia com bolachas e chocolates suissos, sopas instantaneas, chás, caramellos, etc.

M. C. NEVES
Rua Nova do Almada, 83

EVORA

Hotel Eborense

O melhor da provincia do Alemtejo. Estabelecimento de banhos. Sala de visitas. Bons aposentos para familias.

Proprietario, JOSÉ AUGUSTO ANNES

AO CHAPEU MODERNO

Silva & Ruas
LISBOA

Sortido completo em chapéus e bonets nacionaes e estrangeiros, para homens e creanças, por preços ao abrigo de toda a concorrência

Sempre as ultimas creações da moda

69, R. da Victoria, 71

A NACIONAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Sede na sua propriedade: — 14, Avenida da Liberdade, 14 — LISBOA

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

CAPITAL
500:000\$000
RÉIS



Fundada em 17-4-906

RESERVAS
135:753\$650
RÉIS

Seguros de vida e Seguros terrestres e maritimos

Prestam-se todas as informações verbalmente das 10 horas da manhã ás 5 da tarde, na sede da Companhia, ou por escripto na volta do correio.

Director — FERNANDO BREDERODE Sub-Director — JOSÉ A. QUINTELLA

VIDAGO

Hotel Avenida

Edifício construido expressamente junto á Estação do caminho de ferro e Avenida, proximo da nascente Vidago.

Bons quartos, magnifica sala de jantar com mezas para familia, casas de banhos, café, bilhar, e jogos licitos.

Preços de 1200 a 1500 réis

Almoços 500 e jantares 700 réis

Correspondencia ao concessionario

Domingues Pires

GEREZ

Grande Hotel Universal

Propriedade da Companhia Carris

Este hotel que passou por amplas reformas é o melhor da estacia. Possui um magnifico *square* e é o unico illuminado a electricidade e mezas para familia.

Serviço de primeira ordem — Preços moderados

Trens da Companhia com mudas em Bouro

O Conselho de Administração: — Alfredo da Fonseca Meneres, Antonio Reis Porto, Antonio d'Avaujo Costa. — Gerente do Hotel: — Julio Pinto da Rocha.

Cesar A. Paiva

Cirurgião-Dentista do Hospital de S. José e annexos

Premiado na exposição internacional de Paris de 1900, com menção honrosa a unica concedida pelo jury a expositores portugueses d'esta classe.

Collocam-se dentes desde um até a dentadura completa. Tratamento especial de molestias de bocca.

R. do Arsenal, 100, 1.º

LISBOA

LIVRARIA DO CLERO

UNICA LIVRARIA RELIGIOSA DE LISBOA

Fundada em 1907 por Lima & C.^{ia} antigo empregado da Cleraria Catholica que acabou em 1910

9 Rua do Mundo, á Praça de Camões e frente á Igreja do Loreto

Casa de confiança das Familias Catholicas

Typographia, Encadernação e Papelaria

Cathecismo da 1.ª Communhão 20 réis

A Chave do Céu desde 1\$000 réis

Almanach da Immaculada Conceição de Lourdes — Preço 100 réis

Livros em portuguez, francez, inglez, allemão, hespanhol e latim. De instrução Religiosa, Doutrina Catholica, sobre a Sagrada Eucharistia e Primeira Communhão, de Piedade, Espirituaes e Asceticos — Biographias, Vidas de Santos, Educação, Instrução, Sciencias, Historia e Litteratura — Theologia — Liturgia — Philosophia — Moral Religiosa — Historia Ecclesiastica — Sermões — Livros de Missa simples e de luxo, todos approvados pela auctoridade ecclesiastica.

Artigos do culto — Paramentos e Alfaias — Castiças e Tocheiros — Cruzes e cirias — Lampadas e Lamparinas — Lustres — Serpentinaes — Custodias — Calices — Galhetas — Sacras —pyxides — Ambulas — Caldeirinhas — Lavandas — Lanternas — Caixas e ferros d'Hostias — Campanhas e Carrilhões — Purificadores — Estantes — placas para vellas — Corôas — Jarras.

Imagens e Crucifixos de todas as dimensões — Optimas esculpturas. Pinturas simples e de luxo approvadas pela Sagrada Congregação das Indulgencias de Roma.

Artigos de Piedade — Imagens luminosas veem-se ás e scuras como de dia — Souvenirs de Lourdes — Terços — Corôas — Rosarios — Estampas para Cathese, para livro e para quadro — Gravuras — Photographias — Oleographia e Chromos em cartão, opaline, gelatina, pergaminho, setim e bordadas em seda — Medalhas e Crucifixos, em latão, aluminio, nickel, ouro ou prata Benitiers de biscuit e nickel — Escapularios — Argolas de guardanapo com imagens — Bilhetes postaes com Santos — Quadros — Vias Sacras — Presepios — Albums com a Via sacra em photographia, com a Vida de Jesus, em gravura e muitos outros — Placas com imagens, bentinhos, folhas de santos em preto e a cor — Registos de luto e o mais completo sortimento em artigos religiosos de alta novidade. Objectos para brinde. Objectos de 1.ª Communhão.

Flores artificiaes. — Palmitos, grimaldas, corôas, ramos e palmas. Crucifixos para reliquias. Terços Cruseos, contas miudas com espaços. Crucifixos do Perdão. — Indulgenciados por S. S. Pio X para as pessoas que propaguem esta devoção — Corôa para Via Sacra para se fazer em casa ganhando-se as mesma indulgencias que na Igreja — Crucifixo da Paixão. Crucifixos da Santa Face.

Preços muito resumidos

AS AGUAS D'ENTRE-OS-RIOS CURAM AS BRONCHITES

O Grande Hotel da Torre

é o unico HOTEL que está ligado ás Thermas das

Aguas d'Entre-os-Rios

SERVIÇO MAGNIFICO

Quartos desde 1\$200 a 2\$000 réis

Pedidos de quartos a

Avelino & Camanho

TORRE-ENTRE-OS-RIOS

J. J. RIBEIRO DOS SANTOS

Premiado com menção honrosa na Exposição de 1893

PREVILEGIO EXCLUSIVO

da Pomada Dumont para cura do rheumatismo GESSOS E BETUMES

Deposito de drogas: Oleos, Tintas, Vernizes, Pinceis, Sabão, sabonetes e perfumarias.

Qualidades garantidas — Preços sem competencia

Productos chimicos e medicinaes por grosso e meudo

Unico deposito geral em Portugal

da Agua Circassiana para restaurar o cabelo — Oleo da Persia — Vigor Tonico do Oriente — Oleo do Egypto para o cabelo e da Favorita Universal e Leite Divino para a cutis.

22, Rua do Amparo, 22

16, Rua do Arco Marquez de Alegrete, 16

LISBOA